

Editorial

Configurações de centro e periferia, que sempre dependem do estabelecimento de uma certa perspectiva, estão sujeitas a *substantivações* de diversas ordens, tais como territórios físicos delimitados (bairros, regiões, países, continentes etc.), redes de sociabilidade (“manos”, “boys”, “galera da zona leste” etc.), enunciados culturais (raps, sambas, vídeos, programas de rádio, revistas, livros, assim como manifestos do crime organizado ou construções midiáticas veiculadas em TV, jornal, cinema etc.) e políticas públicas (o Estado com seus equipamentos e políticas, as ONGs e demais configurações da sociedade civil organizada).

Nessas diferentes circunscrições, “ser” da periferia – palavra que vem do grego *peri*, “em volta de” – pode estar associado ora a um processo de sujeição, ora a um processo de subjetivação. O primeiro ocorre nos casos em que se é *objeto* de políticas públicas precárias, limitantes, subjugadoras e por vezes arrasadoras, ou de práticas domesticadoras e assistencialistas pseudo-piedosas de algumas “entidades”, ou do clientelismo de certos representantes de comunidades; e o que não dizer de imagens redutoras, homogeneizantes e estigmatizadoras produzidas em muitas reportagens, romances e filmes pelos que olham a periferia de fora e de cima, e que só têm olhos para a privação e a destruição.

“Ser” da periferia pode, ao revés, significar assumir-se como *sujeito* de discursos e práticas, recobrando uma posição central para uma dita periferia geográfica ou sociológica. Em algumas circunstâncias, políticas públicas, parcerias não-governamentais, comunidades de base e dispositivos midiáticos acabam por operar como canais maximizadores de criatividade, produtividade e novidade, subvertendo o vetor da sujeição. Em outros casos, no entanto, discursos e práticas reativas podem verter em violência e destruição, inclusive se apropriando de códigos e configurações institucionais do aparelho de Estado, como no crime organizado. Com efeito, os processos de subjetivação têm as suas vicissitudes.

A cartografia dessas linhas de força, com suas assimetrias e desestabilizações, faz coexistirem e se tensionarem reciprocamente criatividade, privação, transformação, sujeição, revolta, destruição, domesticação, arte, inquietação, entre tantos outros movimentos. Por meio do traçado de nossos colaboradores, esta foi a embocadura desta *Sexta-feira*, que privilegiou a experiência da cidade. Cortando o volume, a fachada da avenida paulistana Celso Garcia, que conecta vários bairros, temporalidades, gentes e estéticas ao longo de seu extenso e intenso itinerário do centro rumo à zona leste (e vice-versa). Como a avenida, os textos transcorrem de modo contínuo, sem com isso deixar de nuançar os diferentes relevos e matizes de seu conteúdo. Pontuando todo o volume, trechos literários dão lugar às mais diferentes vozes, todas elas ávidas por traduzir a experiência periférica. Próximo ao final, alguns verbetes buscam fazer convergir de modo mais didático e genealógico – e sem qualquer intenção de esgotar o tema e promover um inventário enciclopédico – a idéia de periferia e as temáticas às quais ela esteve associada no campo das Ciências Sociais.

Na interação desses artigos, ensaios, entrevistas, debates, verbetes, prosas, canções, poemas e imagens buscamos cartografar periferia menos como território de encapsulamento do que

como multiplicidade irreduzível, onde nada está dado de antemão ao mesmo tempo em que tudo é possível, onde se oscila da subjetivação à sujeição, da subversão à substancialização, da resistência à resignação. Não a periferia *versus* o centro, tampouco a impossibilidade de reverter posições que podem se nos revelar de maneira endurecida, mas a periferia que devém centro e o centro que devém periferia.

Setembro de 2006